

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA DE GÊNERO: mapas em aberto

PEDAGOGICAL PRACTICES IN CHILD EDUCATION IN THE GENDER PERSPECTIVE: open maps

Graciele Mendes de Carvalho¹, Zuleide Paiva da Silva¹

ORCID IDS

Carvalho GM - <https://orcid.org/0000-0002-6128-4890>

Silva ZP - <https://orcid.org/0000-0001-9395-3561>

RESUMO

Este estudo é um recorte da cartografia das práticas pedagógicas na educação infantil referente às questões de gênero, em desenvolvimento em um curso de pós-graduação em educação numa universidade pública da Bahia. Caracteriza-se como uma pista para verificar como as práticas pedagógicas na educação infantil referente às questões de gênero estão sendo problematizadas em pesquisas de pós-graduação. O propósito é identificar os programas de pós-graduação, a localização geográfica dos mesmos, a frequência da produção por ano e descrever os achados das pesquisas que discutem a prática pedagógica referente às questões de gênero. Para tanto, foi realizado um levantamento de dissertações e teses no banco de dados do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia considerando os descritores gênero, educação infantil, prática pedagógica, com recorte temporal de 2008 – 2018. A partir dos critérios de inclusão e exclusão foram selecionadas 08 pesquisas para compor o corpus analisado. O resultado aponta que não houve variação considerável do quantitativo por ano das pesquisas localizadas. Porém, os trabalhos que discutem as práticas pedagógicas têm ganhado frequência desde 2014. A maioria dos estudos foi desenvolvida em instituições públicas e em programas de pós-graduação em Educação. 12% estão localizados nas regiões Centro-Oeste e Nordeste; e 75% no Sudeste. Foi verificado que as professoras/es sentem dificuldade em manejar situações mais explícitas sobre as relações sociais de gênero entre as crianças, e que as concepções sobre a temática e as práticas pedagógicas perpassam uma visão binária, essencialista e heteronormativa sobre as identidades sexuais e de gênero.

Palavras chaves: Gênero. Educação infantil. Práticas pedagógicas. Revisão bibliográfica sistemática.

ABSTRACT

This study is an excerpt from the cartography of pedagogical practices in early childhood education related to gender issues, under development in a postgraduate course in education at a public university in Bahia. It is characterized as a clue to verify how pedagogical practices in early childhood education regarding gender issues are being problematized in postgraduate research. The purpose is to identify graduate programs, their geographic location, the frequency of production per year and to describe the findings of research that discuss pedagogical practice on gender issues. To this end, a survey of dissertations and theses was carried out in the database of the Brazilian Institute of Information in Science and Technology considering the descriptors gender, early childhood education, pedagogical practice, with

¹ Universidade Estadual da Bahia - UNEB

Autor Correspondente: gracielli_c@hotmail.com

Recebido em 09 de Julho de 2019; Aceito em 18 de Abril de 2020.

a time frame from 2008 - 2018. Based on the inclusion criteria and exclusion, 08 surveys were selected to compose the analyzed corpus. The result shows that there was no considerable variation in the quantity per year of the localized surveys. However, works that discuss pedagogical practices have been gaining frequency since 2014. Most studies were developed in public institutions and in graduate programs in Education. 12% are located in the Midwest and Northeast regions; and 75% in the Southeast. It was found that teachers / teachers have difficulty handling more explicit situations about social gender relations among children, and that conceptions about the theme and pedagogical practices permeate a binary, essentialist and heteronormative view of sexual and gender identities. .

Key words: Genre. Child education. Pedagogical practices. Systematic bibliographic review.

INTRODUÇÃO

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), a Educação Infantil (EI) é a primeira etapa do ensino básico que tem como objetivo o desenvolvimento integral da criança de até 05 anos. A EI além de marcar o início da experiência discente, é um ambiente em que as crianças a partir das experiências sociais iniciais entre pares e educadoras/es, têm a oportunidade de apreender os primeiros valores e noções sobre comportamento. Uma vez que a EI “não só cuida do corpo da criança, como o educa: ele é o primeiro lugar marcado pelo adulto, em que se impõem à conduta dos pequenos os limites sociais e psicológicos” (VIANNA; FINCO, 2009, p. 271), esta instituição se torna, além da família, um importante ambiente na construção e/ou manutenção de hierarquias sociais de gênero. Gênero é aqui apreendido pelas lentes de Scott (1996) como categoria analítica (SCOTT, 1996) que enfatiza o caráter social das relações entre sexos e desconstrói a lógica do determinismo biológico onde os estereótipos sociais de gênero seriam derivados da natureza, portanto, fixos e determinados.

Como destaca Silva (2010), o núcleo essencial da noção de gênero apresentada por Scott (1996) é o entrelace de duas proposições: o gênero como elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e gênero como maneira primordial de significar as relações de poder. Assim percebido, gênero é lente de leitura do mundo, e como tal é constituído pela gramática sexual, que normatiza, regula e fixa comportamentos e condutas masculinas e femininas, especialmente os comportamentos aceitáveis quanto ao sexo; de raça, que define as relações entre brancos e negros, e de classe social, que define/exige comportamentos diferenciados dos pobres e dos ricos (SAFFIOTI, 2002).

Essa perspectiva tanto evidencia o caráter relacional, múltiplo e não consensual do gênero quanto à importância do gênero como relação social, “o que por si, constitui uma razão nuclear para não se fugir do conceito de poder, considerando que todas as relações de poder exprimem-se através das relações de gênero” (SILVA, 2010, p.59).

A instituição de EI a partir da organização dos espaços, expectativas, brinquedos e brincadeiras colaboram para a segregação de meninas e meninos, reforçando os estereótipos sociais de gênero e outros marcadores sociais discriminatórios. A prática pedagógica da/o docente tem importante contribuição na disseminação da cultura sexista, assim como pode ser um potente instrumento para o enfrentamento das discriminações sociais de gênero. Segundo Gimeno Sacristán (1999) a prática pedagógica é uma “ação do professor no espaço de sala de aula” (p.144), que envolve também os aspectos culturais coletivos do local onde as/os professoras/es desempenham suas atividades de docência. Franco (2016) complementa que a prática pedagógica é um ato intencional, “uma dimensão a atingir, uma proposta, uma crença sobre o que ensina. [...] É uma prática que se exerce com finalidade, planejamento, acompanhamento, vigilância crítica, responsabilidade social” (p. 541). Dessa forma, segundo essa autora, nem toda prática docente é pedagógica, para ser denominada assim a ação precisa estar acompanhada de intencionalidade e reflexão social, e na EI, ainda considerada como um espaço destinado aos cuidados corporais, à prática docente intencional se torna indispensável.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação infantil (DCNEI) de 2010, proposta pedagógica das instituições de EI deve garantir a construção de “sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a

sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação étnica, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa” (BRASIL, 2010, p.17). Ou seja, essas instituições devem incentivar a formação política contra hegemônica, para isso, as/os professoras/es devem ter uma prática que conduza a esses preceitos.

Enveredada por essas discussões, este estudo é um excerto da Cartografia das práticas pedagógicas na educação infantil referente às questões de gênero, em desenvolvimento no em um curso de pós-graduação em educação numa universidade pública da Bahia¹. Vale ressaltar que a cartografia é aqui apreendida pelas lentes de Kastrup, Passos e Escóssia (2009), que a concebem como uma paisagem que transgredir o sentido habitual da metodologia ao deslocar das metas para trilhar um caminho linear, para uma pesquisa que privilegia o processo em detrimento das metas, ou do próprio “resultado”. Nessa perspectiva, o/a cartógrafo/a não vai munido ao campo com estratégias pré-determinadas, adentra nele com o objetivo de acompanhar processos e o percurso construtivo da produção dos dados. Mesmo não havendo regras ou procedimentos determinados para adentrar no território existencial, Kastrup, Passos, Escóssia e colaboradoras/es (2009), propõem algumas pistas com referência a cartografia apresentada por Deleuze e Guattari, para a tessitura cartográfica.

Orientadas por Kastrup, Passos e Escóssia (2009), este estudo é uma pista, um mapa em aberto para verificar como as práticas pedagógicas na EI referente às questões de gênero estão sendo problematizadas em pesquisas de pós-graduação. Especificamente, o estudo pretende mapear os programas de pós-graduação e a localização geográfica em que as autoras/es em questão estão vinculadas/os; a frequência da produção por ano; e, descrever os achados das pesquisas que discutem a prática pedagógica referente às questões de gênero. Para alcançar esses propósitos, foi realizada uma busca de teses e dissertações do banco de dissertações e teses do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), ligada à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e

Dissertações (BDTD)² no período de junho a julho de 2019. Através dos descritores *gênero, educação infantil, prática pedagógica* e dos critérios de inclusão e exclusão foram selecionadas 07 dissertações e 01 tese para compor esse estudo.

Além de aprofundamento sobre os estudos de gênero na EI, essa revisão bibliográfica sistemática busca contribuir referencialmente para pesquisas sobre a temática e oferecer notoriedade aos tensionamentos e avanços das pesquisas que discutem práticas pedagógicas nessa esfera de ensino.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Como pista cartográfica este estudo configura-se como revisão da literatura, apreendida pelas lentes de Botelho, Cunha e Macedo (2011, p. 124) como uma “forma de pesquisa que utiliza fontes de informações bibliográficas ou eletrônicas para obtenção de resultados de pesquisa de outros autores, com o objetivo de fundamentar teoricamente um determinado tema”. De acordo como os autores, duas categorias de artigos de revisão são encontradas na literatura, a revisão bibliográfica sistemática e a narrativa que possuem características e objetivos distintos. “A revisão narrativa é utilizada para descrever o estado da arte de um assunto específico, sob o ponto de vista teórico ou contextual, [sem, contudo, fornecer] a metodologia para a busca das referências, nem as fontes de informação utilizadas, ou os critérios usados na avaliação e seleção dos trabalhos” (BOTELHO, CUNHA, MACEDO, 2011, p.125). A revisão bibliográfica sistemática, afirmam os autores, diferente da revisão narrativa, é planejada, parte de uma questão explícita, evidenciando as etapas percorridas na busca, seleção e análise das referências (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

Diante das categorias de artigos de revisão apresentadas por Botelho, Cunha e Macedo (2011), optamos pela Revisão bibliográfica sistemática, que é apresentada por Perissé, Gomes, Nogueira (2001) como um tipo de investigação científica que tem por objetivo reunir, avaliar criticamente e conduzir uma

1 A referida cartografia foi iniciada em 2018 e qualificada em junho de 2019.

2 A BDTD é um portal de busca que agrupa as teses e dissertações defendidas em todo País e por brasileiros no exterior.

síntese dos resultados de múltiplos estudos primários. Assim, a revisão bibliográfica sistemática busca responder a uma pergunta, utilizando métodos explícitos e sistemáticos para identificar, selecionar as pesquisas relevantes, reunir e analisar dados de estudos incluídos na revisão.

Corroborando com a definição apresentada por esses autores, Sampaio e Mancini (2007, p.84) conceituam a revisão bibliográfica sistemática como uma investigação que “disponibiliza um resumo das evidências relacionadas a uma estratégia de intervenção específica, mediante a aplicação de métodos explícitos e sistematizados de busca, apreciação crítica e síntese da informação selecionada”. Proveniente e mais utilizada na área da saúde, na área das ciências humanas esse tipo de revisão tem ganhado espaço para evidenciar as contradições e conhecimentos produzidos nesse campo do saber. Alinhada aos pensamentos dessas/as autoras/es e atendendo o rigor metodológico da revisão bibliográfica sistemática, esta pesquisa foi desenvolvida em três etapas.

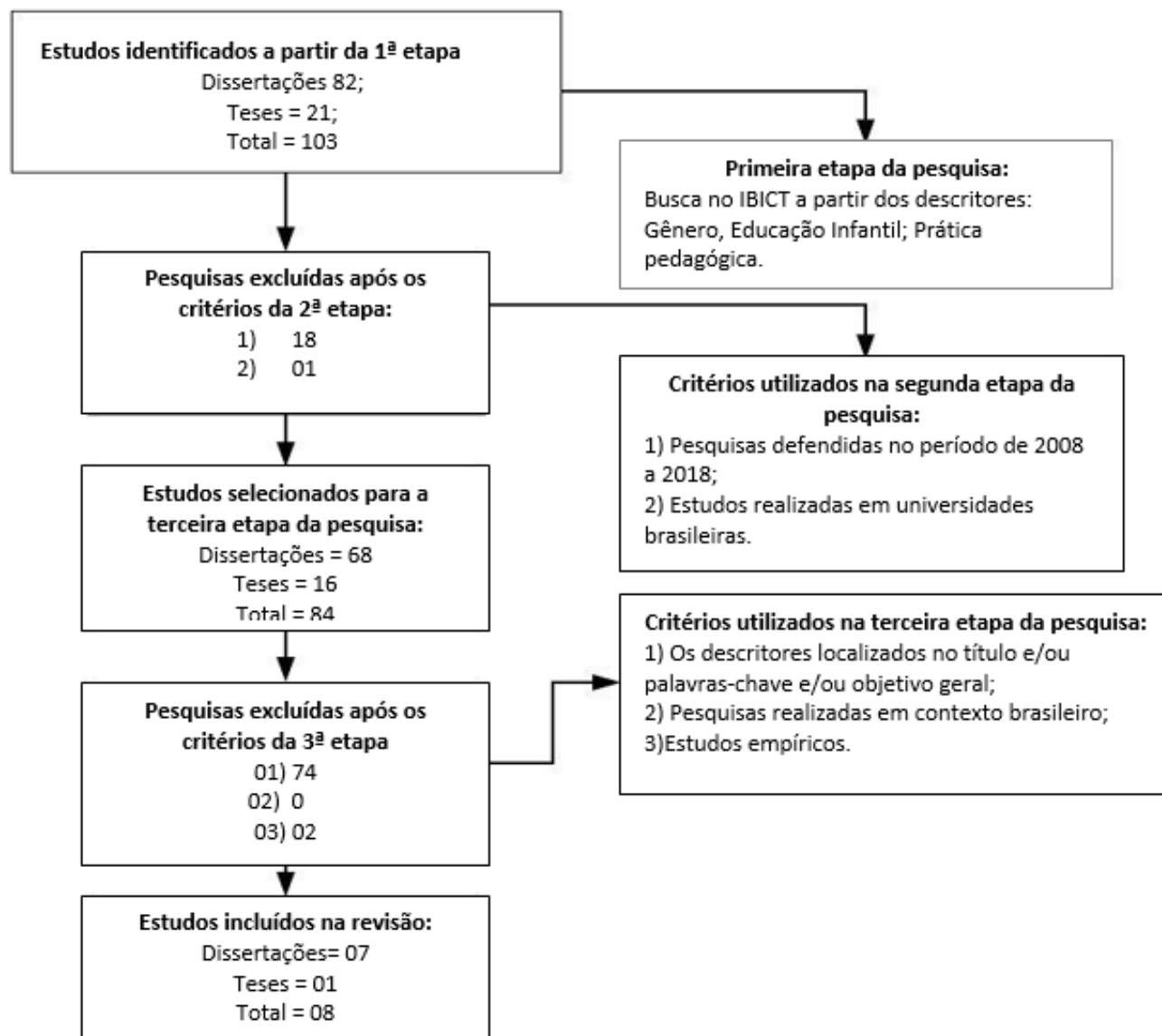
O levantamento do *corpus* da pesquisa foi realizado no período de junho a julho 2019 e considerou teses e dissertações publicadas pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), ligado à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que se referem aos descritores: gênero, educação infantil, prática pedagógica. Foi utilizado o item “todos os campos” para não limitar a busca por estudos assim como, a pesquisa não restringiu a área de conhecimento nem por programa. A partir desses descritores, como mostra a Figura 1, foram encontradas 103 pesquisas, (82 dissertações) e (21 teses). Para refinar as buscas na segunda etapa da pesquisa, foram utilizados os seguintes critérios: 1) pesquisas defendidas no período de 2008 a 2018; 2) teses e dissertações realizadas em universidades brasileiras. Após esses critérios foram encontradas

84 estudos sendo 68 dissertações e 16 teses.

Após a inclusão das dissertações e teses que se enquadram nesse critério a terceira etapa se caracterizou pela leitura dos títulos, resumos e palavras-chave de modo a verificar se as pesquisas estavam relacionadas à prática pedagógica na educação infantil referente às questões de gênero; se os estudos foram realizados no Brasil e se eram empíricos. Assim, na terceira etapa da pesquisa foram selecionados os estudos que atendessem aos seguintes critérios: 1) Os descritores (gênero, educação infantil, prática pedagógica) localizados no título e/ou palavras-chave e/ou objetivo; 2) pesquisas realizadas em contexto brasileiro; 3) estudos empíricos. Foram excluídas as pesquisas que, após a leitura e análise criteriosa, não faziam menção de forma específica à temática realizada nessa revisão sistemática. Importante ressaltar que algumas pesquisas foram consideradas no critério 1, a exemplo de 02 pesquisas que substituíram o termo “prática pedagógica” por “trabalho pedagógico” e 01 pesquisa que utiliza no lugar da palavra “Educação Infantil” o termo “Ensino Infantil”.

Após estes procedimentos, foram selecionadas 07 dissertações e 01 tese. Para a análise dos trabalhos, as fontes foram esquematizadas em planilhas do *Microsoft Excel* com intuito de selecionar os seguintes pontos de interesse: frequência da produção por ano; o programa da pós-graduação e a localização geográfica em que as autoras/es estão vinculadas/os e, as principais colheitas dos estudos.

Figura 1 - Fluxograma de identificação e seleção das pesquisas para revisão sistemática.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2019)

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONHECENDO OS MAPAS EM ABERTO

Através dos procedimentos metodológicos elencados, as pesquisas que compõem a discussão desse estudo, apresentadas no Quadro 1, são as que bus-

cam conhecer as práticas pedagógicas de professoras/es frente às discriminações sociais de gênero na EI.

Quadro 1 – Pesquisas de pós-graduação analisadas (2008-2018)

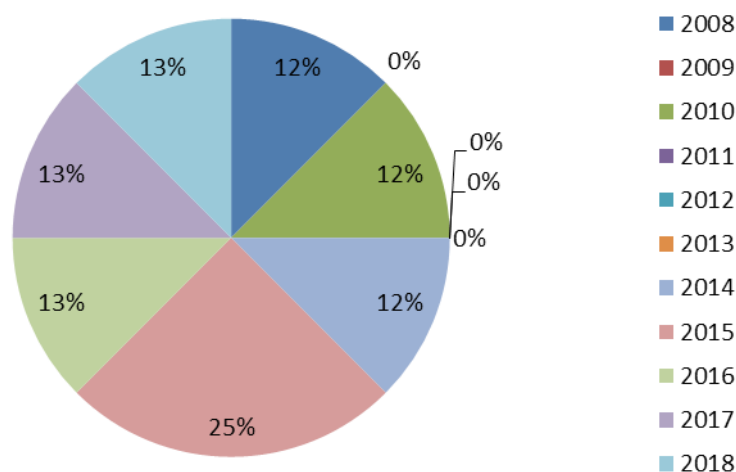
AUTORIA – ANO – IES – PROGRAMA	TÍTULO DA PESQUISA	PARTICIPANTES DA PESQUISA	METODOLOGIA/ DISPOSITIVOS
PAZ, Cláudia Denis Alves da. – 2008 – Universidade de Brasília (UnB) – Mestrado em educação.	Gênero no trabalho pedagógico na educação infantil	Professoras (3) diretora (1), secretario escolar (1)	Etnográfico. Observação participante, Entrevista; Diário de campo.
ORIANI, Valeria Pall – 2010 - Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Mestrado em Educação.	Direitos humanos e gênero na educação infantil: concepções e práticas pedagógicas.	Professora/o (2), diretora (1), coordenadora (1), atendente (1).	Pesquisa bibliográfica; Observação; Entrevista.
MIRANDA, Amanaiara Conceição de Santana – 2014 - Universidade Federal da Bahia (UFBA) – Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo.	Gênero/sexo/sexualidade: representações e práticas elaboradas por professoras/es da educação infantil na rede municipal de ensino em Salvador.	Professoras (31)	Observação; Grupo focal.
ORIANI, Valeria Pall – 2015 - Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Doutorado em Educação	Relações de gênero e sexualidade na educação infantil: interfaces que envolvem as práticas pedagógicas.	Professora/o (2), diretora (1), coordenadora (1), supervisora educacional (1), psicóloga escolar (1), orientador pedagógico (1), pesquisadora/o (2).	Entrevista;
BORGES, Rita de Cassia Vieira – 2015 - Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Mestrado em Educação sexual.	Educação em sexualidade, sexualidade e gênero: desafios para professoras (es) do ensino infantil.	Diretora (1), professoras (9), merendeira (2), auxiliar de serviços gerais (2).	Observação, entrevista semiestruturada.
ZAGO, Juliana Aparecida – 2016 - Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE) Mestrado em educação.	Gênero e educação infantil: análise do trabalho pedagógico em uma pré-escola municipal do Oeste Paulista.	Professoras (03) Diretora (01) Crianças	Estudo de caso de aproximações etnográficas. Observação; Diário de campo; Rodas de conversas; Registros fotográficos; Entrevistas.
LUCIFORA, Cristiane De Assis – 2017 – Universidade Estadual Paulista (UNESP) Mestrado em Educação Sexual.	A Reprodução Das Desigualdades De Gênero Nos Contos De Fadas/ Maravilhosos Como Marcas Circunscritas Na Educação Infantil.	Professoras/o (9)	Questionário
BATISTA, Raquel Aparecida -2018 - Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) - Mestrado em Educação.	Fotonarrativas de práticas pedagógicas na Educação Infantil: uma análise sobre as percepções das professoras.	Professoras (03)	(Não consta); Fotos; Entrevista.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019)

Conforme recorte temporal utilizado nessa revisão sistemática (2008 – 2018) verificou-se que não houve produção de pesquisa nos anos de 2009, 2011, 2012 e 2013. Porém, segundo análise do gráfico a seguir, as pesquisas que discutem as práticas pedagógicas têm ganhado frequência desde 2014. Anterior a esse

período só foi localizado 01 estudo em 2008, após dois anos 01 estudo em 2010 e, após 04 anos, 01 pesquisa em 2014. Importante considerar que a única tese produzida em 2015 é da mesma autoria da dissertação produzida em 2010.

Gráfico 1 – Produção de pesquisas por ano (2008-2018)

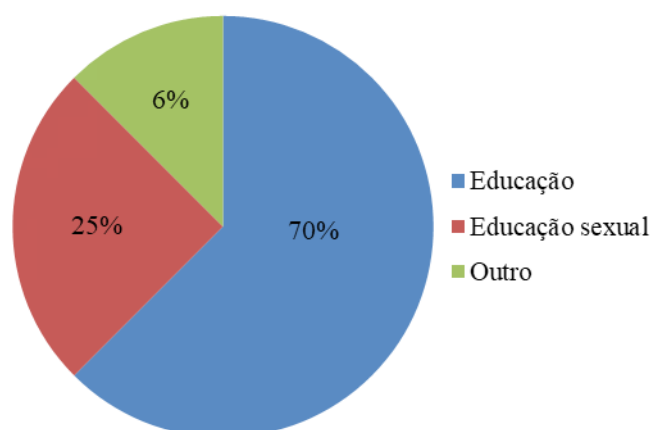


Fonte: Elaborado pelas autoras (2019)

Como mostra o Gráfico 2, de forma majoritária os estudos se inserem em programas de pós-graduação em Educação (70%), com 05 pesquisas. Em segunda posição estão os programas de Educação Sexual (25%), com 02 estudos. Em “Outro”, com somente 01 pesquisa, está o programa em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. Verifi-

cou-se que essa temática vem sendo mais discutida por pesquisadoras mulheres (100%), assim como também de forma majoritária as orientadoras desses trabalhos se constituíram por mulheres (75%). No que tange aos programas de concentração, deparamos com os seguintes resultados:

Gráfico 2 – Programas de pós-graduação da revisão sistemática (2008-2018)

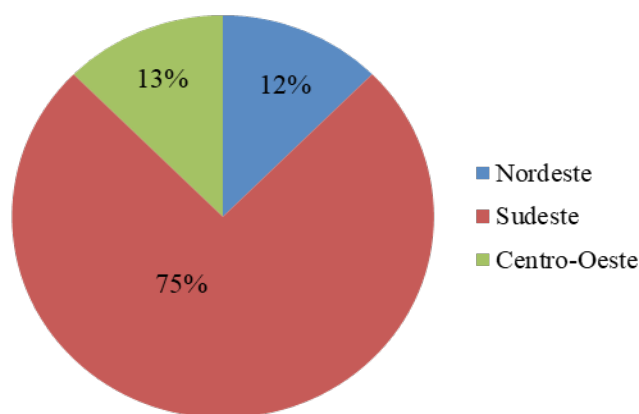


Fonte: Elaborado pelas autoras (2019)

O Gráfico 3 evidencia que os estudos analisados estão assim distribuídos nas regiões do Brasil: 01 estudo na região Centro-Oeste (12%), 06 no Sudeste (75%) e 01 no Nordeste (13%). Majoritariamente, os estudos são provenientes de Universidades públicas (87,5%), sendo 57% de Universidades Estaduais e

42,8% de Universidades Federais. Na região Sudeste os estudos foram provenientes de instituições do Estado de São Paulo (100%). Somente um estudo foi filtrado no Nordeste (UFBA) e na região Centro-Oeste (UnB).

Gráfico 3 – Pesquisas por região do Brasil (2008-2018)



Fonte: Elaborado pelas autoras (2019)

Paz (2008), em sua pesquisa sobre o *Gênero no trabalho pedagógico na educação infantil*, através de observação participante e entrevista com professoras, identificou que a escola reproduz identidades fixas nos conteúdos e atividades pedagógicas, brincadeiras, comportamentos e que existe lacuna na formação inicial e continuada das professoras, fato que potencializa a dificuldade das professoras se posicionarem diante das relações de gênero. Observou que não são problematizadas práticas cotidianas (a exemplo de conteúdos, brincadeiras, comemorações); que as professoras identificam discriminação em relação ao trabalho que exercem (por atuarem na educação infantil), mas, não percebem que a forma como conduzem suas práticas contribuem para a intensificação de rótulos do ser professora nessa esfera de ensino. Também foi observado que as professoras não consideram que suas práticas podem influenciar nas diferenciações sociais de gênero das crianças. A autora problematiza o baixo número de estudos sobre gênero e educação infantil, e aposta na formação de professoras como espaço para desconstruir estereótipos sociais de gênero.

Oriani (2010), em sua pesquisa de mestrado sobre *Direitos humanos e gênero na educação infantil: concepções e práticas pedagógicas*, a partir das observações em campo e entrevista — com professora, professor, diretora, coordenadora e atendente de classe, atuantes na EI, em uma escola localizada em Marília – São Paulo – verificou que as colaboradoras da pesquisa “compreendem que as questões de gênero existem e permeiam suas práticas. Ele e elas parecem desconhecer como lidar com essa perspectiva e, portanto, buscam as referências que lhes são propostas socialmente” (ORIANI, 2010, p. 151). Assim a professora se reconhece como mãe das crianças e o professor se esforça para ser mais sensível com estas, além de ser visto pelas/os colegas como pai das alunas/os. Segundo a pesquisadora, a diretora reforça esses estereótipos ao delegar para o professor a turma das crianças maiores com a justificativa de que as crianças menores devem ter como referência o “papel feminino” representado pela professora-mãe. O professor para não ter problemas com familiares prefere incentivar determinadas brincadeiras/brinquedos para meninas e meninos. A coordenação,

mesmo reconhecendo que a orientação sexual não é influenciada pelos brinquedos, ou escolhas das cores dos materiais, prefere manter a prática. A pesquisadora enfatiza que as práticas pedagógicas refletem binarismos e que as/os educadoras/es não sabem lidar com essas situações.

Miranda (2014), em sua pesquisa de mestrado sobre *Gênero/sexo/sexualidade: representações e práticas elaboradas por professoras/es da educação infantil na rede municipal de ensino em Salvador*, debruçou-se a analisar se a prática pedagógica nessa esfera de ensino cristaliza assimetrias de gênero, partindo da interseccionalidade gênero/sexo/sexualidade. Para isso, utilizou-se de observação direta da prática docente, e grupo focal com 31 professoras/es da rede municipal de Salvador – BA, para compreender as representações sociais sobre gênero/sexo/sexualidade. Quanto aos resultados, foi verificado que as professoras entendem a criança como sendo assexuada e heterossexual. Gênero e sexualidade são interpretados por essas/es profissionais a partir dos preceitos advindos da biologia, filosofia e religião. Para as /os docentes colaboradores/as da pesquisa, a sexualidade deve estar condizente ao sexo biológico — visão heteronormativa —, e o gênero não difere de sexo. As práticas docentes apontam para uma pedagogia da masculinidade, para os meninos, e pedagogia da feminilidade para as meninas, ou seja, condutas que visam a manutenção dos estereótipos e normatização das hierarquias sociais de gênero e sexualidade. A autora ressalta a necessidade de uma formação continuada que além de trabalhar questões referentes ao tema, possibilita pensar como se deu a construção da identidade sexual e de gênero dessas /es profissionais.

O estudo de Borges (2015), *Educação em sexualidade, sexualidade e gênero: desafios para professoras (es) do ensino infantil*, buscou verificar as concepções sobre sexo e sexualidade na educação e educação em sexualidade, assim como compreender como se direciona o trato pedagógico frente à manifestação de sexualidade das/os alunas/os. Borges (2016) ressalta a importância de realizar essa pesquisa na esfera da EI por conceber “o gênero como forma primária de dar significado às relações de poder, cujo processo de construção se inicia na infância”; e

a “centralidade da Escola na socialização de meninos e meninas” (BORGES, 2016, p. 7). A partir de observações *in loco* e entrevistas semiestruturadas — com diretora (1), docentes (9), merendeiras (2) e auxiliares de serviços gerais (2) realizadas em uma escola municipal em Penápolis (SP), a autora verificou que as colaboradoras da pesquisa reconhecem que a sexualidade das crianças provém da natureza, portanto, vivenciada de forma universal, e o órgão genital como norteador do gênero feminino e masculino.

Oriani (2015), na sua tese de doutorado sobre *Relações de gênero e sexualidade na educação infantil: interfaces que envolvem as práticas pedagógicas* — através de entrevistas com educadoras — analisou as relações de gênero e sexualidade nas práticas pedagógicas da EI. A justificativa pelo objeto de estudo se deu pela percepção de que “as práticas pedagógicas [...] podem reforçar estereótipos construídos historicamente nas relações sociais. A escola reproduz práticas sexistas [...] e pode trabalhar a favor da permanência de discriminações e preconceitos referentes à identidade de gênero” (ORIANI, p. 7). A autora verificou que há uma confusão quanto aos significados de sexualidade e sexo, por vezes, compreendidos como sinônimos. As colaboradoras negam a existência da sexualidade nas crianças pequenas, e quando as mesmas não são silenciadas, são vistas como resultado de desestruturação familiar. Além disso, recorrem para os valores morais ou religiosos, assim como buscam a família — ou solicitam intercessão de psicólogo, coordenação pedagógica — diante de casos de masturbação. Importante ressaltar, que as intervenções das/os colaboradoras/es frente a masturbação diferenciou segundo o sexo da criança, onde as meninas são coibidas e punidas, e os meninos educados a continuarem fazendo, exceto em locais públicos. Oriani (2015) evidencia a necessidade de outras pesquisas nessa esfera de ensino, e justifica a escassez de estudos em sexualidade e gênero por esses temas serem considerados polêmicos, ainda mais quando discutidos na esfera da EI.

Zago (2016), em sua pesquisa de mestrado sobre *Gênero e educação infantil: análise do trabalho pedagógico em uma pré-escola municipal do Oeste Paulista*, buscou averiguar como é desenvolvido o trabalho pedagógico referente à questão de gênero. Segundo

análise, os dados apontaram para uma prática diferenciada para meninos e meninas, assim como marcadores de separação foram percebidos nos mais variados espaços da escola a exemplo da organização das filas, banheiros, materiais pedagógicos, brinquedos, dentre outros. Nas observações realizadas, foi verificado que as atividades pedagógicas se davam de forma coletiva, mas que haviam espaços “adequados a cada gênero”, e que as crianças quando em atividades não dirigidas, transgrediam mais as expectativas sociais de gênero. A pesquisadora compreende que isso ocorre pela falta de vigilância e controle das docentes nesses momentos. Zago (2016) também verificou que as docentes possuem visão tradicional quanto à educação de crianças e que atribuem ao biológico as diferenças sociais de meninos e meninas em especial, verificou que as crenças religiosas também influem nessas concepções. A autora atribuiu os equívocos sobre a temática de gênero à falta de formação continuada a qual impacta diretamente a prática pedagógica.

Lucifora (2017), em sua pesquisa sobre *A reprodução das desigualdades de gênero nos contos de fadas/maravilhosos como marcas circunscritas na educação infantil* buscou averiguar “como se dá o trabalho com os Contos de Fadas/Maravilhosos na prática pedagógica destes professores, identificando se o trabalho com tais contos caminham na direção da ruptura com os conteúdos ideológicos de gênero ou se estes tem sido reproduzidos” (p. 7). Para isso, aplicou um questionário com professoras (8) e professor (1) que atuam em uma instituição de EI localizada no interior de São Paulo. As professoras utilizam esse recurso pedagógico, pelo menos 03 vezes durante a semana, para incentivar o contato com a leitura e escrita. Segundo a pesquisadora, as professoras reconhecem que os contos têm um teor sexista, mas continuam utilizando esse recurso sem modificações, ou problematizações. De acordo com Lucifora (2017), mesmo as colaboradoras afirmando que estão preparadas para lidar com questões inerentes à diversidade e /ou questões relacionadas à temática de gênero, nenhuma teceu detalhes sobre quais estratégias utilizavam em sua prática pedagógica. Diante dos achados da pesquisa, pontua a importância de pensar o currículo como instrumento de desconstrução de desigualdades no contexto escolar

e a relevância de formação continuada, assim como a inserção dessa temática nos cursos de licenciatura.

Batista (2018) pesquisou sobre *Fotonarrativas de práticas pedagógicas na Educação Infantil: uma análise sobre as percepções das professoras*. Essa pesquisa possibilitou narrativas referentes ao ser professora nessa esfera de ensino, às concepções de infância e à implicância desta, na prática pedagógica e às práticas transgressoras de gênero nas atividades pedagógicas na educação infantil. A partir de narrativas de fotos do cotidiano da educação infantil de três professoras, identificou que mesmo havendo concepções mais direcionadas ao biologicismo, há intenção das professoras em romper padrões sexistas em suas práticas pedagógicas. Batista também sinaliza a importância de formação continuada sobre a temática de gênero e a necessidade de mais estudos voltados sobre essa área nessa esfera de ensino.

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS MAPAS – (IN) CONCLUSÕES FINAIS

Esta Revisão bibliográfica sistemática aponta que no período analisado não houve variação quanto à produção de estudos por ano. Porém, a partir de 2014 as pesquisas que discutem as práticas pedagógicas na educação infantil referente às questões de gênero tornaram-se frequentes, contabilizando uma produção por ano no período de 2014 – 2018. Majoritariamente, os estudos analisados estão vinculados a universidades públicas estaduais e integram programas de pós-graduação em Educação com localização geográfica concentração na região Sudeste.

Embora a frequência observada na produção anual aponte para crescimento e investimento das universidades públicas no campo da Educação, os dados sugerem carência de estudos na EI com foco nas questões de gênero, sobretudo no Nordeste, fato que, por si, reflete a importância deste estudo como pista para pensar e escrever sobre práticas pedagógicas na EI na perspectiva de gênero.

Produzidos e orientados majoritariamente por mulheres, em conjunto, os estudos analisados apontam que as professoras/es sentem dificuldade em manejar situações mais explícitas sobre as relações sociais

de gênero entre as crianças, e que as concepções sobre a temática perpassam uma visão binária, essencialista e heteronormativa sobre as identidades sexuais e de gênero. As pesquisas também evidenciam que os recursos e dispositivos pedagógicos agem para reforçar hierarquias sociais entre os sexos, além de considerarem a formação continuada como instrumento importante na desconstrução de práticas sexistas.

Diante dos mapas em aberto apresentados, essa revisão bibliográfica sistemática que é em si um mapa aberto, busca sensibilização quanto à importância da

ampliação de estudos com foco nas questões de gênero na EI, a reflexão sobre a relevância de pesquisa e intervenção com professoras/es via processos formativos continuados. Busca, sobretudo, contribuir com a disseminação e a produção de estudos que discutem as práticas pedagógicas na EI. Para tanto, oferece elementos que permite verificar brechas nos estudos existentes para avançar na busca e na produção de práticas pedagógicas que reconhecem e potencializam a noção de gênero como uma construção social, se afastando assim de toda e qualquer noção biologizante do gênero.

REFERÊNCIAS

BATISTA, R. A. **Fotonarrativas de práticas pedagógicas na Educação Infantil**: uma análise sobre as percepções das professoras. Dissertação (Programa de Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2018.

BORGES, R. de C. V. **Educação em sexualidade, sexualidade e gênero**: desafios para professoras (es) do Ensino Infantil. 188f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação sexual) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, São Paulo, 2016.

BOTELHO, L. L. R; CUNHA, C. C. de A; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. Belo Horizonte: **Rev. Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011. Disponível em: <https://www.gestoesociedade.org/gestoesociedade/article/view/1220>. Acesso em: junho de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** /Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

FRANCO, M. A. do R. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Rev. Bras. Estud. Pedagóg.** vol.97 no. 247 Brasília Sept./Dec. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-66812016000300534&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: Dezembro de 2018.

GIMENO SACRISTÁN, J. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: ARTMED Sul, 1999.

LUCIFORA, C. de A. **A reprodução das desigualdades de gênero nos contos de fadas/maravilhosos como marcas circunscritas na educação infantil**. 172 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. São Paulo, 2017.

LDB: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p. Conteúdo: Leis de diretrizes e bases da educação nacional – Lei no 9.394/1996 – Lei no 4.024/1961.

MIRANDA, A. C. de S. **Gênero/Sexo/Sexualidade**: representações e práticas elaboradas por professoras/es da educação infantil na rede municipal de ensino em Salvador. 166f. Dissertação (mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia UFBA. Salvador, 2014.

ORIANI, V. P. **Direitos humanos e gênero na Educação Infantil**: concepções e práticas pedagógicas. 2010, 157f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista UNESP, Marília, 2010.

ORIANI, V. Pa. **Relações de gênero e sexualidade na educação infantil**: interfaces que envolvem as práticas pedagógicas. 101f. Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2015.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA Liliana da. Introdução. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. – Porto Alegre: Sulina, 2015.

PAZ, C. D. A. da. **Gênero no trabalho pedagógico na educação infantil**. 149fDissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação/Universidade de Brasília UnB. Brasília Distrito Federal, 2008.

PERISSÉ A.R.S; GOMES, M.M, NOGUEIRA, A. S. Revisões sistemáticas (inclusive metanálises) e diretrizes clínicas. In: Gomes M.M, editor. **Medicina baseada em evidências**: princípios e práticas. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso; 2001. p.131-48.

SAFFIOTI, H. I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Labrys Estudos Feministas**, n. 1-2, jul./dez., 2002.

SAMPAIO R. F; MANCINI M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Rev. bras. fisioter.**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-35552007000100013. Acesso em: junho de 2019.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99 Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: junho de 2019.

SILVA, Zuleide Paiva. **Conceição do Coité “ao quadrado”**: retrato da violência da contra as mulheres (1980-1999). Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010. 195f.

VIANNA, C; FINCO, D. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos pagu** (33), julho-dezembro de 2009:265-283. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332009000200010. Acesso em: Março de 2019.

ZAGO, J. A. **Gênero e educação infantil: análise do trabalho pedagógico em uma pré-escola municipal do Oeste Paulista**. 194f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE. São Paulo, 2016.